

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

### *The challenges faced by Family Farming for its insertion in the Diversification of Food Production*

**Percí Roberto Schuster**

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0001-8960-828X>

**Cidonea Machado Deponti**

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil  
<http://orcid.org/0000-0001-8833-1450>

**Resumo:** Este artigo analisou os principais desafios que se colocam aos agricultores familiares do Vale do Rio Pardo/RS, para que estes possam se inserir na atividade da diversificação de culturas, tendo como foco principal a produção de alimentos, como alternativa de superação frente à insustentabilidade da monocultura do tabaco na região. Para tanto, utilizou-se como método de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com 19 (dezenove) alunos do terceiro ano do ensino técnico da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC, filhos de agricultores familiares e/ou produtores de tabaco. Os estudantes e seus familiares são oriundos de 8 (oito) municípios da região de estudo. O método de análise de conteúdo foi usado como referencial na análise dos dados a partir de categorias que serviram de suporte à compreensão e à interpretação dos dados. Concluiu-se que os agricultores da região se habituaram, ao longo dos anos, com as relações mercantis que foram estabelecidas pelo Sistema Integrado de Produção do Tabaco (SIPT). Todavia, há de se observar um despertar dos agricultores em relação à problemática do tabaco em detrimento às atividades de diversificação da produção de alimentos. Verifica-se que existe a compreensão e a capacidade de produção para implantação da diversificação. Porém, a presente pesquisa não identificou a diversificação de culturas como geradora de renda nas propriedades rurais, apesar da diversidade produtiva existente, do nível de escolaridade dos mais jovens, da formação técnica bem estruturada na EFASC e da vontade de empreender no setor.

**Palavras-Chave:** desenvolvimento regional, educação no campo, produção tabaco

**Abstract:** This article analysed the main challenges faced by family farmers in the Vale do Rio Pardo/RS, so that they can engage in crop diversification activities, with the main focus on food production, as an alternative to overcome the unsustainability of tobacco monoculture in the region. To this end, we

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

used as a method of data collection semi-structured interviews with nineteen (19) students in the third year of technical education of the Family Agricultural School of Santa Cruz do Sul - EFASC, children of family farmers and / or tobacco producers. The students and their families come from 8 (eight) of the different municipalities of the study region. The content analysis method was used as a reference for data analysis from categories that supported the understanding and interpretation of the data. It was concluded that farmers in the region have become accustomed over many years to the mercantile relations that have been accumulated and established by the Integrated Tobacco Production System (ITPS). However, there is an awakening of farmers in relation to the problem of tobacco to the detriment of diversification activities of food production. It appears that there is an understanding and the production capacity to implement diversification. However, this research did not identify the diversification of crops as an income generator in rural properties, despite the existing productive diversity, the level of education of young people, the well-structured technical training in EFASC and the willingness to undertake in the sector.

**Keywords:** regional development, rural education, tobacco production

### Introdução

Este artigo analisou os principais desafios que se colocam aos agricultores familiares do Vale do Rio Pardo/RS, para que estes possam se inserir na atividade da diversificação de culturas, tendo como foco principal a produção de alimentos, como alternativa de superação frente à insustentabilidade da monocultura do tabaco na região.

No cenário regional, convém observar que a grande maioria dos alimentos dispostos para comercialização não são provenientes da produção da agricultura familiar da região. Em um estudo realizado pela gestão do APL<sup>1</sup> de Agroindústria e Produção de Alimentos da Agricultura Familiar do Vale do Rio Pardo, no ano de 2016, verificou-se que o consumo per capita diário de alimentos na região é de R\$ 11,11. O estudo destaca que a região é importadora de alimentos, pois a matriz produtiva é o tabaco. Assim, diariamente mais de três milhões de reais são gastos com alimentos que são produzidos em outras regiões do estado ou do país, considerando que a população urbana da região é de aproximadamente 300.000 pessoas. No VRP existem em torno de 37.000 estabelecimentos rurais que se enquadram como agricultores familiares. Dessa forma, se a região produzisse seus próprios alimentos, mais de 90 milhões de reais/mês deixariam de sair da região e poderiam ser produzidos por agricultores familiares que hoje estão ocupados com a produção de tabaco (NÚCLEO GESTOR APL VRP, 2018).

---

<sup>1</sup> Arranjo Produtivo Local. Tem como objetivo, buscar por meio da cooperação entre empresas, produtores, comunidades e instituições públicas e privadas, ganhos econômicos que aumentem a eficiência produtiva e a renda de empresas, produtores e trabalhadores, refletindo no desenvolvimento da sociedade.

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

A demanda aquecida por produtos locais, as crescentes mudanças de hábitos alimentares do mercado consumidor, a valorização dos costumes regionais no consumo, bem como no abastecimento alimentar, cada vez mais resgata os atributos locais valorizando culturas da região, expressando relações de proximidade com os próprios agricultores familiares, fazendo com que se viabilizem alternativas estratégicas de superação frente a sua inserção nos mercados consumidores.

Para o estudo definiu-se o espaço geográfico delimitado pelo Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo (COREDE-VRP). Na Microrregião<sup>2</sup> de pesquisa (conforme Figura 1), a agricultura familiar surge como um tema recorrente de debate ao tratar da produção de alimentos, visto que seu predomínio aparece como grande potencial para produção destes produtos.

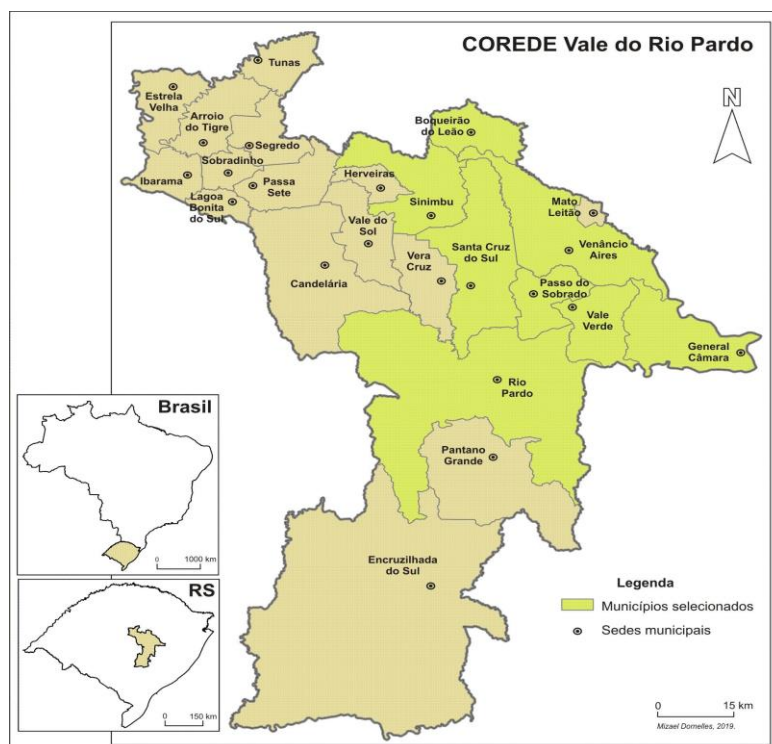
A luta pela organização e pela capacitação para a diversificação são desafios constantes para superar as dificuldades que se colocam a esta atividade em detrimento a monocultura do tabaco. E assim, o esforço pela diversificação pode cada vez mais se consolidar como alternativas viáveis à cultura de fumo nestas regiões, garantindo a soberania alimentar, o desenvolvimento sustentável, a distribuição de renda e a promoção do desenvolvimento regional.

### **Figura 1 - Localização do Vale do Rio Pardo e da Microrregião pesquisada**

---

<sup>2</sup> Municípios compreendidos pela Microrregião de pesquisa: Boqueirão do Leão, General Câmara, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vera Cruz e Venâncio Aires.

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos



Fonte: IBGE, 2010. Organizado pelo autor (2019), elaborado por Dornelles, 2019.

Através da pesquisa, buscou-se dar visibilidade na forma de organização e de orientação, para que os projetos de diversificação de produção de alimentos possam ser vislumbrados na prática, tornando-se um ponto de partida e um atrativo para promover a integração entre programas, ações e projetos, através do estímulo que proporciona uma integração do campo e da cidade, integrando agricultores familiares e consumidores de seus produtos alimentícios.

Para tanto, utilizou-se como método de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, buscando diagnosticar os desafios enfrentados pela agricultura familiar para sua inserção na diversificação da produção de alimentos. Iniciou-se o levantamento de dados com 19 (dezenove) alunos do terceiro ano do ensino técnico da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC, filhos de agricultores familiares e/ou produtores de tabaco que já diversificam e/ou que buscam se inserir no processo de diversificação, como meio de vida social e econômico. Os estudantes e seus familiares são oriundos de 8 (oito) dos distintos municípios da região de estudo, em que a condição de dependência em relação à monocultura do tabaco é dominante. Cabe aqui destacar que a EFASC preconiza um modelo pedagógico de educação do campo e para o campo, valorizando o ambiente de convívio e a reprodução da vida através da emancipação humana. Neste período escolar, os jovens já passaram por todo o processo de formação sobre a educação do campo, desenvolveram seus trabalhos de pesquisas, que os capacita para se tornarem empreendedores rurais, aptos e incluídos nas propostas de uma

perspectiva de desenvolvimento regional. Também apresentam o máximo de entendimento sobre os processos de diversificação da produção de alimentos em especial agroecológicos, lutam pela garantia da soberania alimentar e conhecem a importância deste contexto para a região.

Primeiramente, realizou-se um levantamento exploratório com alunos na EFASC, explicando o objetivo da pesquisa, a possível contribuição para região e para estudos subsequentes. Posteriormente, os alunos foram convidados para que durante a fase de alternância, se reunissem com seus familiares, explicando a proposta da pesquisa e juntos respondessem o questionário. Na segunda fase fez-se o recolhimento dos questionários quando os mesmos retornaram à escola. Na terceira fase foi realizada uma pré análise das informações e a transcrição das entrevistas, através de uma leitura minuciosa das informações recolhidas, com base nas questões propostas pela pesquisa. Na quarta fase foi realizada a classificação dos dados obtidos nas entrevistas, procurando identificar as diferentes categorias elencadas. Baseando-se no método de análise de conteúdo, essas categorias serviram de suporte à compreensão, à interpretação e às considerações realizadas na quinta fase. Todos os dados obtidos por meio das entrevistas foram sistematizados em seções no transcorrer do artigo, com o propósito de manter de forma organizada os registros das informações, das observações e das reflexões. E para uma melhor compreensão do conteúdo, buscou-se embasamento em pesquisas que contextualizam a problemática.

O presente artigo está dividido em três seções. Na primeira, identificou-se a dependência da monocultura do tabaco frente às possibilidades da diversificação. Na segunda, apresenta-se o perfil dos agricultores, identificando as características familiares, produtivas e socioeconômicas. No terceiro momento, discute-se a existência de limitações de oportunidades impostas pelas relações de estrutura que dificultam e/ou impedem a sua inserção no processo de diversificação.

### **A contextualização do espaço rural e os desafios da diversificação para a agricultura familiar**

A nova configuração demográfica alterou o modo de produção e a disputa pelos mercados, os produtores se especializaram e, segundo Crepaldi (1994), passaram a necessitar de conhecimentos, tanto de mercado quanto das características internas das propriedades para definir estrategicamente o que produzir. Mesmo com essa nova configuração do mercado as pequenas propriedades não desapareceram, e hoje estão no foco das discussões como uma saída sustentável para diversos problemas enfrentados por nossa sociedade, economia e meio ambiente. Referindo-se a isto, Neves et al. (2000, p.3) comentam:

De fato, essa vertente de inserção de pequenos produtores começa a ser mais valorizada pela crescente preocupação mundial com o conceito de sustentabilidade.

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

Fortalecer opções ambiental e socialmente corretas (além de economicamente viáveis) passa a ser um foco de organizações para que respondam a uma pressão da sociedade por modelos de produção sustentáveis.

Um dos maiores desafios para as famílias agricultoras se consolidarem economicamente consiste em sua capacidade de organização para a construção de mercado, e a busca de vínculos sociais no relacionamento com o consumidor (ABRAMOVAY, 1998). Para o autor, a diversificação pode ser caracterizada como estratégia para ampliar as oportunidades sociais e econômicas para muitas pessoas, principalmente das camadas rurais mais pobres, que dependem de mercados que podem ser marcados como um conjunto de interações sociais (ABRAMOVAY et al., 2003).

Segundo Schneider (1999, p. 133),

Os agricultores familiares, mesmo com todos os problemas que a agricultura tem de ordem conjuntural e estrutural, têm o maior interesse em continuar na unidade agrícola com seu grupo familiar, produzindo alimentos para o consumo [...].

O acesso ao mercado consumidor é um grande desafio para a agricultura familiar, principalmente devido à dificuldade dos produtores em se organizarem em associações ou cooperativas. Também, aparecem obstáculos na compra de insumos que, muitas vezes, não é realizada de maneira competitiva. A influência de outros fatores como: falta de acesso a tecnologias atuais; crédito; volume de produção; e, informações de mercado, levam os pequenos produtores a encontrarem dificuldades para comercializar seus produtos (FAVA NEVES; CASTRO, 2010).

Desde a década de 1990, a diversificação já era considerada a nova base da agricultura moderna, pois considerava como elemento fundamental a criação de um novo conjunto de políticas não agrícolas capazes de acelerar o desenvolvimento em áreas rurais. A ação articulada das políticas pode proporcionar condições para que se alcance a cidadania no meio rural, evitando assim os eventos migratórios, muitas vezes desordenados, para os centros urbanos (GRAZIANO DA SILVA, 1992).

Ploeg (2008) ressalta que a diversificação implica na luta constante, por parte dos agricultores, pelo fortalecimento da base de recursos disponíveis e de sua capacidade de luta constante por autonomia e liberdade. Seria a capacidade de criação de espaço de manobra pelos agricultores que inovam e reagem em face do contexto de hostilidade, privação e adversidade. No mesmo sentido, Freitas (2015, p. 112) afirma que:

Diversificar significa ter menor dependência de fatores externos, menor dependência de recursos controlados por atores externos e utilizar ao máximo as atividades dentro e fora da unidade produtiva, agrícolas ou não agrícolas, procurando, ao fim, a melhoria dos meios de vida e consequentemente das condições de vida. A diversificação torna-se um fator-chave no desenvolvimento,

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

pois dá aos atores sociais a possibilidade de ter maior autonomia e construir trajetórias de vida consideradas significativas.

O desenvolvimento da agricultura familiar deve começar com o conhecimento das necessidades dos produtores e da forma como eles as percebem. A atenção não deve se limitar ao interior da unidade produtiva agrícola e, menos ainda, a algum produto agrícola específico. É indispensável o estudo dos sistemas de produção, cadeias produtivas, oportunidades de mercado, observar as dinâmicas familiares, respeitando as experiências dos agricultores, apoiando a organização comunitária e valorizando a educação para a cidadania (DENARDI, 2001).

Para tanto, a diversificação pode ser entendida de duas maneiras: quando é aplicada à atividade agrícola exercida pelos agricultores nas suas explorações ou sempre que associado a uma comunidade rural, essencialmente dependente da atividade agrícola. No primeiro caso, o conceito de diversificação está associado à multifuncionalidade, constituindo o exercício simultâneo ou sucessivo por uma mesma pessoa, de várias atividades que relevam da atividade agrícola e não agrícola, no sentido de tornar mais competitivas as explorações agrícolas, por meio de alternativas que se complementem. Já, no segundo caso, trata-se de preservar e de potencializar as características, os valores e as tradições, o patrimônio e os recursos endógenos de cada território, propiciando o seu desenvolvimento sustentado e conferindo-lhe atratividade (IDRHa, 2004).

Na agricultura familiar, a diversificação de atividades agrícolas tem a função de possibilitar um leque maior de oportunidades, acarretando em maior número de possibilidades de geração de renda. Contudo, ela exige que se tenha, além do conhecimento das atividades a serem exercidas, mão de obra disponível para exercer com habilidade as tarefas, e é esta força de trabalho que permite mais de uma atividade como geradora de renda (SIMONETTI et al., 2010).

Por tanto, é de fundamental importância o estudo da agricultura familiar no VRP, local onde está instalado o maior polo mundial de produção e de decisões voltadas à cadeia produtiva da monocultura do tabaco. E é dentro deste cenário, que emerge a necessidade de maior promoção para agricultura familiar, com esforços voltados para a diversificação na produção de alimentos.

### **A importância da diversificação na produção de alimentos para a agricultura familiar**

A agricultura familiar brasileira possui como principal característica a diversidade. Essas diferenças são resultado da formação histórica dos grupos, da herança cultural variada, da experiência profissional e particular dos produtores, além do acesso diferenciado à recursos

(naturais, capital humano, capital social), ao mercado e à inserção socioeconômica. Apesar desta diversidade, que também aponta diferenças marcantes entre os produtores das diferentes regiões do país, é evidente a importância econômica e social representada por esses empreendimentos rurais (BUAINAIN, 2006).

Estudos que abordam os contextos e a realidade da agricultura familiar têm demonstrado ainda que esta possui adjetivos que lhe são peculiares, como o fato de apresentar como principal característica a diversidade, como principal estratégia a diversificação de produtos e de processos, bem como, ter como principal desafio contribuir com a segurança alimentar e a redução da pobreza no campo (BUAINAIN, 2006; BANCO MUNDIAL, 2007 e FAO, 2014).

Com a competitividade e diversidade da circulação de produtos de várias regiões do estado, do país, assim como de outros países, torna-se difícil compreender o funcionamento do mercado e dos atores envolvidos. A maior importância desse enfoque está no aproveitamento inteligente do potencial regional, identificando as oportunidades de mercado, organizando e articulando a dinâmica existente. Em uma sociedade cada vez mais ávida por informações a respeito da origem dos produtos, do processo, do respeito ao meio ambiente e de suas interfaces, a aproximação entre produção e consumo, estabelece um ambiente de comunicação harmônico e de fidelidade entre produtor e consumidor (SANTOS, 2006 e VARGAS, 2010).

O processo de industrialização e inovação tecnológica tornou o mercado agroalimentar brasileiro majoritariamente dominado pelas grandes empresas nacionais e transnacionais, reproduzindo o predomínio das características históricas de se produzir *commodities* voltadas para o mercado externo. Apesar dos mercados tornarem-se cada vez mais incertos e dinâmicos devido a crescente complexificação das atividades agrícolas, milhares de agricultores familiares distribuídos por todo o território nacional produzem e comercializam uma grande diversidade de alimentos para o consumo interno (ESTEVAM, SALVARO e SANTOS, 2018).

A diversificação da propriedade possibilitará estratégias para obtenção de mais de uma fonte de renda e, assim permitirá reduzir a exposição às depreciações do mercado, ou seja, o agricultor mais diversificado terá maior autonomia dentro do mercado (NIEDERLE; GRISA, 2008). A interface está na ideia de que a ampliação das capacitações pode ser realizada pela diversificação nas formas de organização econômica e produtiva, social e ambiental.

Para compreensão do processo de diversificação produtiva utilizou-se o enfoque da diversificação dos meios de vida de Frank Ellis (2001), que afirma que, por meio da diversificação reduz-se o risco de insuficiência da renda geral, através da diluição do impacto por falha de qualquer fonte de renda única; redução da variabilidade de renda intra-ano, por



meio da diluição do efeito da sazonalidade em fluxos de renda baseados na propriedade; e redução da variabilidade de renda inter-ano, resultante da instabilidade na produção e nos mercados agrícolas. Segundo Ellis (2000), através da diversificação dos meios de vida, as famílias rurais estabelecem um portfólio de atividades e capacidades de apoio social para sobreviver e melhorar suas condições de vida. Ademais, o conceito de diversidade manifesta-se pelas diferentes formas de renda, atividades, ocupações, sistemas de produção, condições de trabalho, dependência produtiva, humana, etc. Trata-se então da criação de mecanismos e de estratégias de diversificação que contribuam de forma decisiva na operacionalização de ações para o desenvolvimento rural, a fim de fortalecer os meios de vida dos indivíduos.

Sato et al. (2008), em um estudo realizado sobre os canais de distribuição de hortaliças na região do Alto Cabeceira do Tietê em São Paulo, identificaram que o produtor tem uma melhor remuneração atendendo o mercado local. Deste modo, há uma diversificação na atividade produtiva que, segundo Pelinski et al. (2006), tem como fundamento a redução de riscos e de incertezas na produção agropecuária. Assim, o excedente da produção, que não segue o canal das políticas públicas é comercializado nas feiras livres e supermercados da cidade.

A diversificação rural dá ao agricultor um grande benefício, tornando-o menos vulnerável às intempéries climáticas como também as oscilações de mercado dos produtos. Na seção a seguir apresenta-se as dificuldades enfrentadas pelos agricultores familiares entrevistados para diversificação da produção, em detrimento da dependência da monocultura do tabaco.

### **A dependência da monocultura do tabaco frente às possibilidades da diversificação da produção**

A identificação dos obstáculos enfrentados pelos agricultores entrevistados é de suma importância para sistematizar e qualificar a temática em análise, o que contribui para a compreensão dos fatores e agentes envolvidos aos processos em suas partes. Para tanto, ao questioná-los sobre a cultura de produção que melhor se adapta as características do solo da propriedade, observa-se na Tabela 01 que a maioria dos entrevistados primeiramente mencionou a produção de tabaco, seguido do milho, do aipim e da produção de hortaliças.

**Tabela 01 – Culturas de produção que melhor se adaptam as condições do solo das propriedades**

Cultura de produção	Registro de ocorrência
Fumicultura	10

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

Cultivo de milho	5
Aipim	2
Hortaliças	1

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).

No entanto, sabe-se que as adaptações das culturas aos mais diversos perfis de solos são comuns na produção rural e não refletem dificuldades, porém dependem de vários fatores para formação do campo de produção, como condições climáticas, manejo da cultura e ao manejo de pragas e doenças. A partir das análises, verifica-se que dos 17 sistemas de produção e atividades identificadas nas propriedades, em 13 delas a principal fonte de renda está voltada à fumicultura. Deste total, o tempo médio da atividade dedicada ao SIPT é de 20 anos, entre uma faixa que varia de 10 a 45 anos de atividade. Para 04 dos entrevistados o tempo de integração é maior que 20 anos, sendo que para 09 está entre 10 e 20 anos.

Na mesma região de estudo, Gomes (2014) também verificou um alto grau de dependência em relação ao cultivo de tabaco, quando 15 dos municípios apresentavam participação relativa no valor bruto da produção agrícola acima de 60%. Conforme dados da pesquisa realizada por Silveira (2014), sobre a diversificação produtiva em áreas de tabaco na microrregião geográfica de Santa Cruz do Sul, verificou que 69,1% das pessoas estavam envolvidas diretamente com a produção do fumo, o que representava dois terços das famílias.

Quando perguntados sobre os motivos que os mantêm na fumicultura como principal fonte geradora de renda, nota-se que existe uma opção consciente dos fumicultores pela produção de tabaco, fatos que estão evidenciados nos depoimentos, como por exemplo: “Porque dá lucro” (Entrevistado 4); “Pois é a única alternativa que temos, muito pelo lucro e todos da comunidade também produzirem a mesma cultura” (Entrevistado 5); “Pela parte do tabaco porque é uma produção com maior porte de renda” (Entrevistado 8); “Venda garantida e solo apropriado” (Entrevistado 10); “É uma atividade do gosto da família e também se adapta ao solo da propriedade” (Entrevistado 11); “garantia de venda e conhecimento com a produção” (Entrevistado 17). Observa-se nas respostas que a afinidade com a cultura do tabaco se relaciona com 09 dos casos.

Conforme Deponti e Schneider (2013), em sua pesquisa no município de Dom Feliciano, ao perguntarem aos entrevistados por que optaram pelo tabaco, verificaram mediante as respostas que a fumicultura está enraizada na região, há uma cultura voltada ao tabaco, um saber-fazer impregnado que dificulta o processo de diversificação produtiva, aliado ao retorno financeiro, à garantia de compra do SIPT. Isso relaciona-se ao fato de não gostarem de correr riscos, situação que foi proporcionada pelas empresas fumageiras, através de toda a estrutura do tabaco, levando conseqüentemente a certa acomodação por parte dos

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

agricultores. A falta de confiança também foi um dos aspectos identificados por Schmidt e Tierling (2016, p. 9), quando descrevem:

Essa situação foi identificada através de relatos que mencionavam a não implantação de culturas, mesmo quando em pequenas áreas, por não acreditar nos resultados positivos. Essa falta de confiança na obtenção de resultados positivos é motivada por fatores pessoais, como por exemplo, a falta de mão de obra, a dificuldade no manejo ou colheita (como da cultura do morango, que é uma cultura rasteira e traz riscos à saúde da coluna do agricultor), ou ainda por preferir aguardar os resultados de outros produtores para então implantar, ou não, a cultura em sua propriedade.

Tedesco (1999, p. 285), em sua pesquisa realizada sobre o sistema integrado de aves e de suínos, que segue os mesmos padrões básicos do SIPT, relata que:

Os novos saberes adquiridos pela relação contratual não se apreciam em função de sua adequação aos objetos dos quais eles tratam, mas em função de sua adequação a sistemas de saberes já existentes. Concordamos com Kayser (1990) quando diz que o sistema de saber endógeno dos agricultores constitui o fio condutor de todas as aprendizagens da vida. Esse saber, essa cultura camponesa, entretanto, não é uma subcultura definida e isolada; está inserida em um sistema global, complexo e multiforme que a modela ao permanecer. O autor vai mais longe ao dizer que a articulação intermediária da velha cultura camponesa *com* e *na* nova cultura rural não é menos evidente, nem menos ambígua.

Segundo Coleman (2010), as questões de compreensão em relação à economia, como as variações de preço, oscilações de mercado resultantes de volume de produção nacional e sazonalidades, são fatores que refletem falhas coletivas de natureza cognitiva, as quais são resultantes das limitações que os indivíduos possuem ao analisar todas as dimensões e as características das negociações, bem como, sua capacidade para lidar com as incertezas externas à sua propriedade.

A análise dos resultados da pesquisa identificou que a organização do SIPT divide ideias e conclusões significativas. Quando questionados se este modelo integrado oportuniza comodidade e renda para a manutenção da estrutura da propriedade oferecida pela relação com a fumiicultura, 07 famílias declararam que não atende à necessidade e 06 disseram que atende. Ao mesmo tempo, quando perguntados se o SIPT limita oportunidades para a família desenvolver outras atividades de produção e renda, 07 famílias declararam que não e 06 informaram que oferece limitações.

Levando em conta a problemática exposta sobre SIPT, quando indagados a responderem sobre as limitações deste sistema, 03 famílias relatam a falta de mão de obra, 02 mencionam a compra garantida, 01 descreve que o alto investimento propicia a produção em escala, 01 faz menção à falta de terra, 01 diz que não sofre interferência e os demais não informaram.

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

Salvo algumas questões não abordadas pela pesquisa, verifica-se que o avanço da fumicultura na região de estudo se dá em função de um conjunto de aspectos, conforme Conterato (2013, p. 82-83):

[...] persistência histórica de amplas desigualdades regionais de desenvolvimento consolidadas ao longo do tempo pela permanência de um modelo agrícola de desenvolvimento rural (economias de escala, produtividade e eficiência técnica); a presença maciça de agricultores familiares com mínimo de área e mão de obra disponíveis para assumir novos formatos técnico-produtivos; apoio/acompanhamento técnico disponibilizado pelas empresas integradoras, muitas vezes reflexo da não oferta de serviços públicos de assistência técnica e extensão rural, e pela dificuldade do agricultor familiar em fazer escolhas em função de certa condição/situação de vulnerabilidade social, indicando ser a fumicultura mais uma condição de imposição do que necessariamente de escolha deliberada.

Os agricultores entrevistados, quando perguntados sobre sua opinião a respeito do SIPT para região, das 15 respostas obtidas, 11 manifestaram acreditar na importância potencializada pela fumicultura e 04 divergem sobre sua importância. Mesmo que as entrevistas tenham evidenciado que existem algumas insatisfações das famílias produtoras de fumo, as divergências apontadas também podem estar relacionadas ao domínio do SIPT nas áreas de cultivo, pois se caracteriza em um processo de apego cultural, social e de disseminação da ideia de crescimento econômico com a produção de tabaco, que se evidencia nas respostas dos entrevistados. Quando perguntados sobre o principal assunto presente nas conversas entre vizinhos, amigos, comunidade e etc., 14 famílias relatam ser o fumo, como pode ser visto na Tabela 02.

**Tabela 02 – Assunto de produção agrícola mais presente nas rodas de conversas**

Atividades desenvolvidas	Registro de ocorrência
Fumicultura	14
Soja	2
Produção de leite	1
Não informado	1

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).

Esta característica social e cultural favorece a manutenção de um padrão difícil de ser alterado, pois sofre interferência e dificuldades impostas a partir da relação entre as próprias famílias. Esta relação faz com que enfrentem dificuldades para superar este ambiente, quando se verifica que ainda existem relatos de que o tabaco é a melhor solução de renda na pequena propriedade e, associado a isso, a ideia de progresso. Estas características de apreço pela

produção de tabaco fazem com que a acomodação imponha barreiras na busca de outras alternativas para diversificação de culturas.

Apesar das dificuldades, no tocante a produção do tabaco, os agricultores estão ligados a esse cultivo não apenas pela renda em si. É mais do que isso, pode-se dizer que plantar tabaco se tornou um traço cultural, faz parte de sua trajetória, de sua história (SILVEIRA, 2014). Em função de muitos agricultores estarem envolvidos com o cultivo do tabaco, alegam existir a segurança da compra e do custeio do frete pelas empresas, ou seja, o agricultor produzindo o tabaco em sua propriedade, conforme as exigências estabelecidas pelas transnacionais, acaba influenciando nas decisões de outros agricultores para que continuem plantando (SILVEIRA, 2011).

Para Ellis (1998), a diversificação é uma estratégia para o desenvolvimento rural em vários níveis. Porém, realça que as causas e as consequências da diversificação na prática se diferenciam por: localização, ativos (natural, físico, humano, financeiro, social), nível de renda, oportunidade, instituições e relações sociais, e, também se manifestam de forma diferente em circunstâncias diferentes.

Percebe-se que o fator mais importante no vínculo das famílias como o SIPT é o cultural, seguido da característica do solo das propriedades e da rentabilidade obtida. Tal relação também é verificada quando perguntados se existe possibilidade de substituir a produção de tabaco pela produção de alimentos na região de estudo, quando 11 das famílias relatam não ser possível e os demais acreditam ser substituível.

Isso está diretamente relacionado aos padrões de conhecimento adquiridos durante a trajetória social, cultural e da formatação da assistência técnica ligada ao SIPT na região de estudo. Estes dispositivos que interagem entre si ao longo de uma tradição de cultivadores de tabaco, também podem ser identificados na pesquisa quando perguntados sobre qual das culturas desenvolvidas na propriedade que a família apresenta maior aptidão de trabalho e de conhecimento, quando 11 dos entrevistados relatam ser a fumicultura que se relaciona com as respostas de que é o que sabem fazer. Para as demais atividades, 03 indicaram produção de alimentos, 02 produção de milho, 01 suinocultura e 01 turismo rural.

Os agricultores entrevistados, quando perguntados sobre qual a diferença entre a comercialização da produção de tabaco e a comercialização de produtos alimentares, das 16 respostas obtidas, 14 mencionaram a praticidade e a garantia de comercialização do fumo, enquanto 02 relataram a oscilação dos preços na hora de comercializar os alimentos. Uma vez que atribuem à forma mais organizada de comercialização em função da garantia de compra da produção, observa-se pelas respostas que o SIPT torna-se mais cômodo e atrativo para os agricultores, assim se materializando como limitação para diversificação.

Verificou-se, nesta seção, que as indagações sobre as características do solo para

produção de tabaco, a garantia de compra da produção pela empresa fumageira, a geração de renda e o aparato do massivo império do SIPT na trajetória socioeconômica e cultural na vida dos agricultores da região de estudo, são alguns obstáculos que acabam restringindo práticas de diversificação de culturas como alternativas que possam contribuir para alavancar nos processos de desenvolvimento regional. A partir destas colocações, pode-se observar que a formação desta região é constituída por estas características. Para tanto, na próxima seção serão destacados os limites estruturais de vulnerabilidade que devem ser superados pelos agricultores familiares para introduzir a diversificação de culturas em um circuito agroalimentar.

### Perfil dos agricultores familiares entrevistados

Inicialmente, constatou-se que nos 08 municípios analisados na região de estudo (Figura 1), todos os estabelecimentos agrícolas identificaram-se usando o enunciado que contempla a terminologia agricultores familiares, conforme definida pela Lei nº 11.326/96 e sancionada em 24 de julho de 2006, a qual forneceu o marco legal da agricultura familiar.

Com base nas entrevistas, destaca-se que a principal fonte de renda em todas as propriedades é proveniente da agricultura, sendo que apenas 03 deles possuem fonte extra não ligada à atividade rural e 01 desenvolve turismo rural, o qual está relacionado à renda principal. Outro dado importante revelado por 13 dos entrevistados é a média de renda bruta anual das propriedades que somam R\$ 88.230,62, sendo que 42,76% deste valor corresponde a renda líquida anual que totaliza R\$ 37.726,77. Na Tabela 03, observa-se as 17 atividades desenvolvidas pelas 18 famílias em suas propriedades. Estas atividades são realizadas de forma simultânea.

Destaca-se que todas as famílias entrevistadas são proprietárias das áreas de terras onde vivem e desenvolvem suas atividades agrícolas. Sendo que as propriedades são constituídas de pequenas áreas, apresentando em média 20,74 hectares e 06 delas ainda arrendam em média de 8,33 hectares para complementar as atividades necessárias de cultivos desenvolvidas.

**Tabela 03 – Atividades desenvolvidas nas propriedades pesquisadas**

Atividades desenvolvidas	Registro de ocorrência das atividades
Fumicultura	13
Cultivo de milho	14
Avicultura produtora de ovos	10
Suinocultura	11
Avicultura de corte	6
Cultivo de hortaliças	13

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

Pecuária de corte	11
Pecuária leiteira	9
Cultivo de feijão	11
Cultivo de frutas	11
Soja	1
Piscicultura	7
Arroz	1
Aipim	2
Batata	1
Batata doce	1
Turismo rural	1

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).

Ao questioná-los sobre o percentual de produtos alimentícios consumidos pela família que são oriundos da própria produção, 08 agricultores entrevistados relataram que produzem de 61% a 80% dos alimentos, 07 de 41% a 60%, 02 de 21% a 40% e somente 01 declarou produzir de 0 a 20% dos produtos. E pelas informações coletadas sobre área ocupada para estas atividades, verifica-se que para 14 representam, praticamente, somente a produção para autoconsumo, assumindo um trabalho no estabelecimento produtivo, porém não de geração de renda. Estes dados podem ser verificados na Tabela 04.

**Tabela 04 - Alimentos consumidos pelas famílias oriundos da própria produção**

Registro de ocorrência em relação ao consumo	Porcentagem (%)
01	0 a 20
02	21 a 40
07	41 a 60
08	61 a 80
0	81 a 100

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).

Em estudos realizados na Microrregião Geográfica de Santa Cruz do Sul, que segue os critérios pré-estabelecidos pelo IBGE, Rudnick (2012) identificou que além da produção de tabaco, também eram cultivados na propriedade batata, arroz, cebola, feijão, mandioca, peixes, suínos, bovinos e aves. Todavia, verificou que esses produtos não representam receita financeira para esses agricultores, pois serviam como subsistência em que apenas o excedente é comercializado, sendo assim, o tabaco era a cultura que representava a maior fatia da receita gerada na propriedade.

Na pesquisa apresentada neste artigo, verificou-se que mesmo os agricultores demonstrando consciência e vontade de produzir alimentos sem o uso de agroquímicos, a produção orgânica e agroecológica apresentou-se foi mencionada pelos entrevistados 11 e 10

respectivamente, sendo que em sua totalidade ainda produzem em sistemas de cultivo convencional, que deve estar relacionado à predominância da produção de tabaco, a qual se justifica por não estar ligada a produção orgânica e/ou agroecológica. Já a produção agroecológica está diretamente relacionada ao processo de formação dos egressos da EFASC, garantindo assim a qualidade dos alimentos e uma atividade voltada ao uso dos recursos existentes na propriedade, em coprodução com a natureza, não dependendo de insumos externos à propriedade.

Em relação à faixa etária dos responsáveis pelas famílias, encontrou-se uma média de 51,75 anos, considerando que 10 destes estão acima dos 50 anos e os demais possuem até 39 anos de idade. Sendo 13 dos casos atribuídos ao sexo masculino, 03 ao sexo feminino e em 02 situações a responsabilidade é conferida para ambos os sexos.

Verifica-se que o número médio de membros por família é de 4 pessoas e que os mais jovens encontram-se em uma faixa etária média de 15 anos de idade e por causa do vínculo familiar em relação ao trabalho, desenvolvem as atividades produtivas juntamente em suas propriedades. Outra característica destes jovens é que apresentam um bom nível de escolarização, frequentando escolas de Ensino Fundamental, de Ensino Médio, Ensino Médio Completo e concluindo o Ensino Médio em Técnico Agrícola junto a EFASC. Observa-se um baixo nível de escolarização dos responsáveis pelas famílias e dos demais componentes adultos: 26 declararam possuir Ensino Fundamental Incompleto e apenas 01 relatou possuir Nível Superior Completo. Na Tabela 05, pode ser observado a divisão do nível de escolarização entre jovens e adultos das famílias.

**Tabela 05 – Nível de escolarização das famílias**

Nível de escolaridade	Registro de ocorrência do nível de ensino	
	Jovens	Adultos
Ensino superior completo	1	1
Ensino médio completo	20	3
Ensino médio incompleto	6	1
Ensino fundamental completo	2	7
Ensino fundamental incompleto	5	26

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).



Utilizando-se da pesquisa de Buainain e Souza Filho (2009), com produtores de tabaco do Vale do Rio Pardo, foram diagnosticados que o nível de escolaridade dos chefes de domicílio extraído da amostra foi considerada baixa, sendo que 74% tinham frequentado a 5ª série do ensino fundamental; apenas 5% tinham frequentado algum nível do ensino médio e somente 0,3% tinham frequentado um curso superior. Silveira (2014), também verificou uma porcentagem expressiva do número de agricultores que não possuem ensino fundamental completo, chegando a 68,7% da população rural, sendo que somente 9,9% concluíram este quadro escolar e 0,7% possuíam ensino superior completo.

Conforme Schneider e Cassol (2013) em seu estudo sobre “A Agricultura Familiar no Brasil”, verificaram que os estabelecimentos rurais também apresentavam diferenças entre si. Porém, a própria tipologia usada identificou que os agricultores, de maneira geral, são estruturalmente muito semelhantes, dividindo os mesmos níveis de escolaridade, formas de administração, direção dos estabelecimentos e na composição das receitas independente da área ocupada pela atividade agropecuária. Tal situação também pode ser observada no VRP.

Com relação à mão de obra, verifica-se que os agricultores entrevistados em sua totalidade possuem de 70% a 100% de recursos humanos próprios para elaboração das atividades, sendo que 10 famílias indicaram contratar de 10% a 30% deste recurso e 03 trocam serviço. Estes contratos e trocas de serviços devem estar diretamente ligadas as atividades temporárias de produção de tabaco que geralmente necessitam de um maior número de pessoas ligadas ao serviço, tendo em vista uma média baixa de integrantes por família na pesquisa.

Ao questioná-los sobre a experiência de viver na propriedade rural, 11 famílias dos entrevistados classificaram como excelente e os demais como bom, demonstrando satisfação em trabalhar e morar no meio rural. Esta classificação também pode ser verificada através de respostas pelas quais justificam sua permanência no meio rural, quando alguns alegam a qualidade de vida, gostar do que fazem, o bem estar e o prazer de desenvolver as atividades, influência da EFASC, pela estrutura existente na propriedade e ter espaço e voz dentro das atividades desenvolvidas.

### **Limitações estruturais a serem superadas**

Na agricultura familiar, a diversificação produtiva se torna uma alternativa por garantir maior estabilidade e autonomia econômica frente a contextos de crescentes incertezas no mundo globalizado. Diversificar representa para os agricultores, a redução da instabilidade do processo de reprodução ocasionada por possíveis falhas em uma das rendas, uma vez que este produto pode estar susceptível a perdas de colheita, dificuldades no clima, entre outros

fatores que contribuem para a vulnerabilidade dos agricultores. Porém, a monocultura inserida dentro da agricultura familiar, os limita a estabelecerem um portfólio de atividades que lhes permitam ampliar um conjunto de capacitações e, portanto, lograr melhores condições de vida.

Todavia, quando se verifica nas entrevistas a existência de uma tradição de cultivos de alimentos para o autoconsumo e demais atividades como, 01 suinocultura, 01 pecuária leiteira e 01 turismo rural que poderiam e estão atrelados à geração de renda, constata-se na Tabela 06 o registro dos entrevistados que declararam existir dificuldades para a comercialização de produtos alimentares produzidos na propriedade e os que disseram não existir dificuldades.

**Tabela 06 – Condições de acesso à comercialização dos produtos alimentares**

Registro	Ocorrência
Sim	12
Não	6

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).

Costa, Rimkus e Reydon (2008), acreditam que a dificuldade não está nas técnicas agropecuárias que os agricultores familiares praticam, mas encontra-se na “compreensão do funcionamento dos mercados que impõe articulação com os segmentos pré e pós-porteira, nas formas de negociação e práticas de gestão do processo produtivo”.

Chama a atenção quando as atividades desenvolvidas não se relacionam com o tabaco, pois as famílias não reconhecem em si o saber fazer das culturas desenvolvidas na propriedade e que foram aprendidas de geração em geração. Somente a reconhecem quando os sistemas produtivos estão atrelados à forma de geração de renda. Isso demonstra que qualquer iniciativa de diversificação na agricultura familiar fomicultora enfrentará dificuldades para superar este ambiente cultural, social e econômico já consolidado. Pois o controle sobre técnicas de cultivo na fomicultura pelos fomicultores, a confiança na assistência técnica das empresas e as relações de consenso de que a fomicultura é o único sistema produtivo viável, dificultará mudanças estruturais nas características destas propriedades.

Essa perda de vínculos com saberes populares cultivados durante gerações é associada a característica da modernização agrícola que, para Norder (2009), resultou nos processos de mercantilização, acentuada utilização de insumos de origem agroindustrial e forte dependência em relação a agentes externos, o que provocou e continua provocando modificações nas condições de produção da agricultura familiar. Em relação aos produtos para autoconsumo, Gazolla (2009, p. 91) afirma que:

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

[...] são fundamentais para as unidades familiares porque propiciam alternatividade entre consumo e venda e permitem ao agricultor familiar um maior domínio e autonomia para fazer frente à mercantilização do processo produtivo e do próprio consumo de alimentos.

Dentro desta mesma perspectiva, Gomes (2014), em sua pesquisa relata que:

Por isso, é preciso considerar que o processo de mercantilização da agricultura familiar do Vale do Rio Pardo, através de sua integração com a cadeia agroindustrial do tabaco, acarretou em um aumento da dependência e uma diminuição da autonomia dos agricultores. Os relatos dos cooperados entrevistados revelaram evidências da subordinação diante do sistema, do endividamento, da estrutura social, política e econômica que sustenta a produção de tabaco, e da insegurança, ou medo que sentem de enfrentar qualquer tipo de mudança.

No entanto, como aponta Vargas (2013), existem evidências dos efeitos nocivos do controle exercido pela indústria do tabaco sobre a organização da cadeia agroindustrial do tabaco nos países em desenvolvimento. No caso do VRP, pode-se destacar inicialmente a dependência econômica gerada por este sistema, na medida em que a economia dos municípios encontra-se amplamente alicerçada sobre a produção do tabaco. Como prova disso, é a participação do tabaco no Valor Bruto da Produção agrícola dos municípios desta região, em média, de 61,5% (IBGE, 2010).

Entretanto, além dos agricultores que se especializaram no cultivo do tabaco pelos motivos já mencionados, existem aqueles que querem diversificar, porém encontram algumas dificuldades, entre elas verificam-se algumas das seguintes respostas: “falta de comércio garantido” (Entrevistado 2); “ter fregueses e conquistar o mercado” (Entrevistado 4); “principalmente a localização da propriedade, pois não há nenhum comércio” (Entrevistado 5); “preço, garantia de compra e pagamento” (Entrevistado 7); “muita burocracia” (Entrevistado 9); “a distância do município” (Entrevistado 11); “pontos de comercialização” (Entrevistado 15); “ponto de venda” (Entrevistado 16); “transporte, comércio e pouca demanda” (Entrevistado 17).

A reestruturação do sistema de diversificação poderia servir de base para um processo de desenvolvimento regional de caráter endógeno, pois como afirma Norder (2009, p. 65):

As práticas de desenvolvimento endógeno podem ser interpretadas como estratégias de resistência à integração passiva contida nos termos da modernização agropecuária convencional, ou seja, como elaboração sistemática visando uma redução da dependência tanto em relação ao uso de insumos e saberes externos como em relação ao tipo de vinculação social e política que a produção, em tais condições, se apresenta aos agricultores familiares.

Ainda que estejam sendo construídos canais de comercialização para produtos da diversificação de culturas através de circuitos agroalimentares curtos, todo o formato de

comercialização continua dependendo da capacidade de agência do agricultor. No mesmo sentido, Ludtke, Rambo e Stoffel (2016) relatam que:

Este é um grande desafio que as ações de diversificação em áreas de tabaco necessitarão enfrentar. Ainda não há um circuito agroalimentar com o mesmo aparato e organização da indústria fumageira, com a garantia de mercado que o sistema integrado de tabaco apresenta. Nesse sentido, a política de ATER é uma ferramenta fundamental no auxílio a esta organização.

Observa-se que esta relação complexa do SIPT no VRP interfere na participação da unidade familiar nos processos de diversificação, visto que quando perguntados sobre possibilidades de aumentar a diversificação na propriedade, responderam: “estabilidade de preço e mercado” (Entrevistado 1); “venda garantida” (Entrevistado 4) ; “mais incentivo e estrutura e comércio disponível” (Entrevistado 5); “incentivo e maneiras legais de comercialização” (Entrevistado 10); “conhecimento da propriedade e da atividade que será implantada” (Entrevistado 11); “ter o interesse da família” (Entrevistado 12); “espaço, conhecimento e interesse” (Entrevistado 18). Nas respostas pode ser observado que há muitas justificativas sobre demanda por mais áreas de terra para promover a diversificação. Contrapondo a isso, somente uma resposta sugere a diminuição da área plantada de fumo para aumentar a diversificação da produção.

Além das questões supracitadas, verifica-se que as 14 famílias que avaliaram as atividades de assistência técnica, 01 as classificou como muito boas, 11 boa e 02 em regular. Identifica-se que a dinâmica desta assistência está associada a técnicos do SIPT, sistema integrado de produção de leite e assessoria para produção de arroz irrigado (IRGA<sup>3</sup>). Desta forma, observa-se que estes órgãos não se relacionam com atividades de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural) para promoverem um circuito agroalimentar com aparato e organização capaz de promover a garantia de produtividade nas propriedades com geração de renda através da diversificação.

No mesmo sentido, esta dinâmica também pode ser observada no estudo realizado por Silveira (2014), quando ressalta que a assistência técnica prestada aos agricultores é direcionada tão somente a produção de tabaco, através de técnicos das empresas fumageiras. Também observa que as famílias acabam por desconhecer em suas propriedades outras oportunidades de geração de renda que são atribuídas a valorização do saber fazer dos agricultores da Microrregião estudada.

Conforme Souza (2012), nas organizações de extensão rural, os projetos, os registros e os relatórios que são exigidos dos técnicos pelos comandos centrais, tiram-lhes a autonomia para agir. No mesmo contexto, tais afirmações são verificadas por Deponti (2010), relatando

---

<sup>3</sup> Instituto Rio Grandense do Arroz.

que o dia a dia do técnico é permeado por ações e atividades que, muitas vezes, estão isoladas de um plano estratégico para ação, restringindo-se a responder as demandas que surgem no cotidiano dos agricultores, ou simplesmente cumprindo metas da agência de extensão.

Apesar da importância mencionada pelos agricultores sobre o SIPT para sua economia e da região, foi possível verificar nesta seção que o problema gerado pela situação apresentada alterou os padrões socioculturais das famílias. Verifica-se que a preferência predominante pela manutenção do cultivo de tabaco pode ser explicada, pela significativa presença de assistência técnica nas propriedades e a facilidade dos canais de comercialização junto as empresas integradoras, quando relatam que para os produtos da diversificação de culturas existe dificuldade de comercialização. Desta forma, acabam por especializar-se neste cultivo, reproduzindo esta tradição que é passada de pai para filho e gerando a crença de que na fumicultura está a única solução rentável de produção. Assim, a falta de confiança para diversificarem e a preferência pela monocultura na região, vem sustentando ao longo dos anos uma tradição a qual reflete na perda da riqueza caracterizada por sistemas de produção altamente diversificados, o qual identificava esses empreendimentos familiares.

### **Considerações finais**

A presente pesquisa analisou os principais desafios que se colocam aos agricultores familiares da região do Vale do Rio Pardo (COREDE) para que possam inserir-se no processo de diversificação produtiva de alimentos como alternativa de renda. Através dos objetivos propostos na pesquisa, foi possível identificar os aspectos relevantes existentes nas unidades familiares da região que inviabilizam e que são compreendidos para os agricultores como barreiras para assumirem a diversificação de culturas como um novo mercado de garantia e geração de renda no empreendimento familiar.

Inicialmente, identificou-se o perfil destes agricultores, verificando que todos estão inseridos em uma região onde existe a predominância da monocultura do tabaco. A característica comum da maioria dos entrevistados consiste na produção de tabaco e que evidenciou manifesta-se de forma cultural, social e econômica. Constatou-se que todos os agricultores são detentores de propriedades com áreas de terra constituídas em média por 20,74 ha. Os dados apresentaram uma faixa etária média de 51 anos dos responsáveis pelas famílias e um baixo nível de escolaridade entre os adultos, sendo que a maioria não completou o ensino fundamental. Esta análise demonstra a existência de um baixo capital humano. Porém, existe uma presença significativa de jovens, apresentando uma faixa etária média de 15 anos de idade. Estes também revelaram um bom nível de escolaridade, sendo interpretado como ponto positivo para agricultura familiar e como um possível potencial pela escolha do trabalho e vida no campo, considerando a influência do elo familiar que na sua maioria

classifica como excelente a satisfação de trabalhar e morar no meio rural.

Após verificar a existência consolidada e predominante da cadeia produtiva do tabaco na região estudada, foi possível identificar os obstáculos que permeiam dentro das estruturas das propriedades dos entrevistados dificultando sua inserção na atividade de diversificação de culturas como fonte geradora de renda. Constatou-se que o cultivo do tabaco é responsável por 100% da renda bruta para 13 famílias e que o tempo médio de relação com o SIPT é maior que 20 anos, o que evidencia uma forte ligação com o setor e uma especialização produtiva, tanto de infraestrutura e da certeza de poder contar com a assistência técnica das empresas fumageiras. Os relatos de que na fumicultura está a única opção de geração de renda viável para a região, além do histórico da região que ao longo dos anos teve seu desenvolvimento pautado na produção do tabaco, isso reforça as dificuldades de mudanças, apesar de existir insatisfações de algumas famílias. Outro aspecto levantado é a dificuldade de não ter comércio garantido para a venda da produção de alimentos, sendo um processo que demanda de uma construção social.

Apesar de se evidenciar a dependência com o cultivo do tabaco, verifica-se existir vasta gama de atividades produtivas de cultivos de alimentos dentro das propriedades, em especial agroecológicos, quando 100% das famílias relataram produzir dentro deste sistema agroalimentar. No entanto, estes sistemas produtivos não se relacionam com o mercado consumidor, para assumir mais uma fonte de geração de renda para unidade familiar, representam tão somente produção para autoconsumo. Podemos compreender que a dificuldade para diversificação produtiva de alimentos não estaria atrelada ao domínio das técnicas agropecuárias, mas sim nas formas de inserirem-se ao mercado para a comercialização como relatado nas entrevistas.

Apesar da vulnerabilidade, é importante ressaltar que os agricultores da região se habituaram, ao longo dos anos, com as relações mercantis que foram acumuladas e estabelecidas através do SIPT, quando se verifica que muitos agricultores preferem continuar cultivando o tabaco ao invés de buscar outras alternativas. Todavia, há de se observar um despertar dos agricultores em relação à problemática do tabaco em detrimento às atividades de diversificação da produção de alimentos. Verifica-se que existe a compreensão e a capacidade de produção para implantação da diversificação. Porém, a presente pesquisa não identificou a diversificação de culturas como geradora de renda nas propriedades rurais, apesar da diversidade produtiva existente, do nível de escolaridade dos mais jovens, formação técnica bem estruturada na EFASC e vontade de empreender no setor.

Contudo, apesar destes aspectos se mostrarem favoráveis, mesmo assim os dados apresentados pela pesquisa apresentam-se semelhantes aos referenciados pela bibliografia. Assim sendo, destaca-se a importância de se buscar compreender este processo através da

realização de pesquisas semelhantes na região de estudo ao longo dos anos, visto que apesar da qualificação dos mais jovens, talvez seja muito cedo para considerar mudanças significativas dentro da realidade contextualizada.

## Referências

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. *Revista da associação brasileira de reforma agrária*. Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, 2, 3 e v. 29, n. 1, jan./dez., 1998.

ABRAMOVAY, R.; SAES, S.; SOUZA, M. C.; MAGALHÃES, R. *Mercados do empreendedorismo de pequeno porte no Brasil*. Brasília: CEPAL, 2003.

BALEM, T.; SILVEIRA, P. R. da. Agroecologia: além de uma ciência, um modo de vida e uma política pública. In: *Simpósio Latino-Americano de Investigação e Extensão em Sistemas Agropecuários*- IESA, Flonionópolis, SBSP/EPAGRI, 2002.

BANCO MUNDIAL. *Relatório sobre o desenvolvimento mundial de 2008: Agricultura para o desenvolvimento*. Washington: The World Bank, 2007.

BUAINAIN, A. M. *Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate*. Brasília: IICA, 2006.

BUAINAIAN, A. M.; SOUZA FILHO, H. M. (coord.). *Organização e funcionamento do mercado de tabaco no Sul do Brasil*. Campinas. Editora da Unicamp, 2009.

CALEMAN, S. M. Q. Falhas de coordenação em sistemas agroindustriais complexos: uma aplicação na agroindústria de carne bovina. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Administração. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.

CONTERATO, Marcelo Antonio. *Desenvolvimento rural desigual: uma análise entre microregiões fumicultoras e não fumicultoras no Rio Grande do Sul*. In: SILVEIRA, R.L.L. (Org.). *Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no Sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013. p. 60 -87.

COSTA, J. P.; RIMKUS, L. M.; REYDON, B. P. *Agricultura familiar, tentativas e estratégias para assegurar um mercado e uma renda*. In: 46 Congresso Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2008, Rio Branco, AC. Anais... Rio Branco, SOBER, 2008.

CREPALDI, S. A. *Administração Rural: uma abordagem decisória*. Belo Horizonte: Organizações CrepalDI, 1994.

Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da  
Produção de Alimentos

DENARDI, R. A. *Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável*. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 56-62, 2001.

DEPONTI, C. M. *Intervenção para o desenvolvimento rural: o caso da extensão rural pública do Rio Grande do Sul*. (Tese) Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. 274 f.

DEPONTI, C. M.; SCHNEIDER, S.; A extensão rural e a diversificação produtiva da agricultura familiar em áreas de cultivo de tabaco no Rio Grande do Sul: o caso de Dom Feliciano – RS. *Revista IDEAS*, Rio de Janeiro, n.2, p. 176-213, jul./dez. 2013.

ELLIS, F. Household strategies and rural livelihood diversification. *Journal of development studies*, LONDON (UK), v. 35, n. 1, p. 1-38, 1998.

ELLIS, F. *Rural livelihoods and diversity in developing countries*. Oxford: Oxford University, 2000.

ELLIS, Frank. *Diverse Livelihoods and Natural Resources: A Research Context*. Institute of Development Studies, England, n.7, p. 1-16, jan. 2001.

ESTEVAM, D. O., SALVARO, G. I., SANTOS, V. J. D. Os desafios da inserção formal de produtos da agricultura familiar no mercado. *Redes* - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 23, n.1, jan./abr., 2018.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. *The state of food and agriculture: innovation in family farming*. FAO: Roma, 2014.

FAVA NEVES, M.; CASTRO, L. T. E. *Agricultura integrada*. São Paulo: Atlas, 2010.

FRANÇA, A. R. M.; SILVA, J. R.; NUNES, K. F. G. et al. Economia solidária e desenvolvimento rural: a agricultura familiar e sua diversificação na Rede Xique-Xique (RN). In: Sociedade brasileira de economia, administração e sociologia rural–SOBER Nordeste, 2010, Crato, CE. *Anais*. Crato: SOBER, 2010. p. 1-15.

FREITAS, T. D. A diversificação dos meios de vida como expansão das capacitações: Por uma sociologia das condições de vida na fumiicultura no Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 326 p. Porto Alegre, 2015.

GAZZOLA, M. O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar. In SCHNEIDER, S. (org.). *A diversidade da agricultura familiar*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 85-106.

GOMES, A. C. *A Operacionalização do Mercado Institucional de Alimentos no Contexto do Vale do Rio Pardo: O Caso da Cooperativa Leoboqueirense de Agricultores Familiares*. 2014. (Tese)



## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul – RS, 2014.

GRAZIANO DA SILVA, J. *Quem precisa de uma estratégia de desenvolvimento?* Série de textos para discussão, nº 2, 1992.

IDRHa. Instituto de desenvolvimento rural e hidráulica. *Introdução à Diversificação de Atividades em Meio Rural* – 2004.

\_\_\_\_\_. Lei n. 11.326 de 24 de julho de 2006a. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm)> Acesso em: 13 mai. 2014.

LUDTKE, R. C.; RAMBO, A. G.; STOFFEL, J. *Iniciativas de Diversificação ao Cultivo do Tabaco no Município de Santa Cruz do Sul – RS: Um Estudo De Caso*. Extensão Rural, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.23, n.4, out./dez. 2016

MARTINS, B. F. *Diversificação para a monocultura do tabaco no município de vale do sol*. CURITIBA, Universidade federal do Paraná, 2012.

NEVES, M. F. et al. *Agricultura integrada: inserindo pequenos produtores de maneira sustentável em modernas cadeias produtivas*. São Paulo: Atlas, 2000.

NIEDERLE, P.; GRISA, C. *Diversificação dos meios de vida e acesso a atores e ativos: uma abordagem sobre a dinâmica de desenvolvimento local da agricultura familiar*. Cuadernos de Desenvolvimento Rural, Bogotá, Colombia, 5 (61): 41-69, julho – dezembro de 2008.

NORDER, L. A. C. *Mercantilização da agricultura e desenvolvimento territorial*. In: SCHNEIDER, S. (Org.). *A diversidade da agricultura familiar*. 2. ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009. p. 59-84.

PELINSKI, A.; AHRENS, D.C.; MILLÉO, R.D.S; ZEMKE, E.W.; BENASSI, D.A.; RICHTER, A. S. A diversificação no incremento da renda da propriedade familiar agroecológica. In: Congresso brasileiro de agroecologia, 4.*Anais*. Belo Horizonte, 2006.

PELISSON, G. V. As alternativas da agricultura familiar como estratégia de manutenção e permanência no espaço rural do município de tabapuã, SP nas sucessivas expansões de monoculturas de café, laranja e cana-de-açúcar. Universidade Federal de Santa Maria, 115 p. Santa Maria, 2016.

PLOEG, J. D. V. *Camponeses e impérios alimentares*. Porto Alegre, UFRGS, 2008.

Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da  
Produção de Alimentos

RUDNICK, Carlise Schneider. *As relações de confiança no Sistema Integrado de Produção do Tabaco (SIPT) no Rio Grande do Sul/Brasil*. 2012. 181 f. Tese (Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SANTOS, R. C. dos. *Diagnóstico das unidades agroindustriais: área de abrangência da Mesorregião Grande Fronteira do MERCOSUL – Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2006. 100 p. (Realidade Rural, 47).

SATO, G. S., *et al.* Uma abordagem sobre a comercialização de hortaliças produzidas na região do Alto Tietê. *Informações Econômicas*, SP, v. 38, n. 1, jan. 2008.

SCHMIDT, C. M.; TIERLING, M. B. M. Dificuldades, Falhas e Desafios da Ação Coletiva na Agricultura Familiar: Um Estudo na Associação de Produtores de Corumbataí do Sul – PR. *IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais* - Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de outubro de 2016.

SCHNEIDER, S. *Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 205 p., 1999. (Série Estudos Rurais).

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. *A Agricultura Familiar no Brasil*. In: Fida pobreza y desigualdad contrato de consultoría de investigación, código 2013- 05 fli. RIMISP. Porto Alegre, setembro de 2013.

SILVEIRA, R. L. L. da. Relatório do Projeto de Pesquisa – CNPQ. *Rede agroindustrial do fumo e a dinâmica de organização espacial e de usos do território na região Sul do Brasil*. 2011.

SILVEIRA, K. R. K. *A Diversificação Produtiva em Áreas de Tabaco - Microrregião Geográfica de Santa Cruz Do Sul*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural) - Universidade Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul – RS, 2014.

SIMONETTI, D.; VILLWOCK, A. P. S.; PERONDI, M. A. A estratégia de diversificação da agricultura familiar: o caso da comunidade rural de São João em Itapejara d'Oeste – PR. Congresso da sociedade brasileira de economia administração e sociologia rural, 48. 2010. Campo Grande, MS. *Anais*. Campo Grande: UCDB, 2010.

SOUZA, R. S. *A condição organizacional: o sentido das organizações no desenvolvimento rural*. 1. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2012. v. 1. 275p.

TEDESCO, J. C. Terra, Trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. 331 p.

VARGAS, E. S. *Diversificação das pequenas propriedades rurais: a alternativa da produção de óleo vegetal pelas famílias da associação dos produtores rurais de São Geraldo*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 44 p. São Leopoldo, 2010.

## Os desafios enfrentados pela Agricultura Familiar para sua inserção na Diversificação da Produção de Alimentos

VARGAS, M. A. Cultivo do tabaco, agricultura familiar e estratégias de diversificação no Brasil: uma análise comparativa em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo. In: SILVEIRA, R.L.L.(Org.). *Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no Sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013. p. 123-156.

### Sobre os autores:

**Percí Roberto Shuster** é Agricultor e egresso do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação do Campo e Desenvolvimento Regional pela UNISC. E.mail: [perci\\_r\\_s@yahoo.com.br](mailto:perci_r_s@yahoo.com.br)

**Cidonea Machado Deponti** é Doutora em Sociologia Rural e docente do Curso de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na UNISC. E.mail: [cidonea@unisc.br](mailto:cidonea@unisc.br)